

CAIO PORFÍRIO CARNEIRO

CHUVA

(OS DEZ CAVALEIROS)



CHUVA: OS DEZ CAVALEIROS

Há artistas, da palavra, do som e da cor, que surgem, brilham intensamente e logo se apagam para sempre. Conheci alguns desses meteoritos, algumas dessas estrelas cadentes. Hoje, na maioria, são ótimos advogados, administradores de empresa e exemplares pais de família. Caio Porfirio Carneiro não pertence a essa classificação cósmica. O brilho de seu talento, nada ostensivo, foi a princípio apenas notado por aqueles que não se perdem nem se enganam nas avaliações astronômicas. Fora esses, de luneta sensível, o moço cearense, deste *Trapiá*, publicado em 1961, já convencia como explorador metódico do chão, costumes e mistérios de um largo território literário.

À sua maneira, que faz da simplicidade uma conquista, paciente, curtida, elaborada, Caio Porfirio Carneiro foi revelando, a cada estória, a cada livro, a complexidade, não aparente, dos personagens do espaço que ele pesquisa, descreve e recria. É um autor todo voltado à realidade, sem ser fanático do realismo. A realidade é seu ponto de partida, embora nem sempre de chegada. Este livro, que agora estão abrindo, *Chuva* (Os Dez Cavaleiros), representa, na obra de Caio, não uma ruptura com seus processos, mas um novo degrau ou etapa, salto ou mergulho, à procura de verdades mais extensas ou profundas. É o mesmo Caio que não esbanja, não inflaciona a moeda das palavras. O mesmo que prefere a intimidade dos atalhos à planificação das estradas. O mesmo que sabe onde colocar o ponto final. Mas sendo, desta vez, por imposições climatéricas, um autor da chuva e não da seca, chuva que é miragem de nordestino, fantasia de retirante, este livro, estes cavaleiros, pisaram o solo da alegoria, deixando a realidade apear na primeira curva do caminho.

O ponto de chegada de Caio, dos cavaleiros, e também nosso, leitores e acompanhantes, situa-se entre a Serra do Catolé e a Lagoa Grande, que orientam os viajantes, mas não conduzem. De estranho comportamento geográfico, a Serra e a Lagoa, parecem se distanciar da gente em igual velocidade expressa nas patas dos cavalos. E além dessa barreira onírica, a chuva, repetida e uniforme, desconfortante, criando impossibilidades, desafiando, com hipnótica insistência.

Com os mesmos instrumentos de trabalho, a simplicidade aludida, o trato quase bíblico dos personagens, ação e diálogos essenciais, a natureza como presença obrigatória, Caio Porfirio Carneiro excede à realidade cotidiana, realizando uma obra de síntese literária envolta em poesia, sobriedade e enigmas.

CAIO PORFÍRIO CARNEIRO

nasceu em Fortaleza, no Ceará. Desde muito moço fez jornalismo e colaborou em jornais e revistas daquela cidade. Mudou-se para São Paulo em 1955, trazendo consigo vários contos inéditos. Procurando testar o valor dos trabalhos, enviou-os para vários concursos literários. Ganhou seis prêmios em um ano. Em 1961, publicou seu primeiro livro: *Trapiá*, contos, reeditado, em 1972. Voltou às livrarias em 1965, com a novela *O Sal da Terra*, traduzida, posteriormente, para o italiano com o título de *Sale Vere della Terra*; esta obra teve também uma tradução árabe (em resumo) na antologia "Brisas Brasileiras" de Felipe Lutfalla. Para o jornal *Última Hora*, da capital paulista, escreveu o folhetim *Bala de Rifle*, no mesmo ano. Em 1970, lançou outro livro de contos: *Os Meninos e o Agreste*. No ano seguinte o livro foi lançado em segunda edição, em convênio com o Instituto Nacional do Livro. Foi consagrado pela crítica do Brasil e Portugal e agraciado com o "Prêmio Afonso Arinos", da Academia Brasileira de Letras. Em 1973, mês de abril, lançou na rede do Clube do Livro, em grande tiragem, uma biografia romanceada do Padre Cicero de Juazeiro: *Uma Luz no Sertão*. Em 1975, *O Casarão*. Trabalhos seus têm sido estudados na Checoslováquia. Do volume *Trapiá*, o conto "O Padrinho" foi traduzido para o alemão sob o título de "Der Taufpate" e publicado numa antologia de contos brasileiros: *Die Admiralsnacht*, em Berlim, pela editora Aufbau-Verlag. E o conto "Come Gato", do mesmo livro, foi adaptado à televisão e exibido em várias capitais do País, inclusive São Paulo. Caio Porfírio Carneiro colabora nos principais suplementos literário do País. Seus trabalhos estão incluídos em antologias de contos nacionais. É assessor de Diretoria da Editora Clube do Livro e Secretário Administrativo da União Brasileira de Escritores de São Paulo.

*"A concentrada noite se manteve
intacta – embora nós a atravessássemos
com passos desesperados e doridos."*

David Mourão-Ferreira



Obras de Caio Porfirio Carneiro

LITERATURA
LOJA DE LIVROS

SUPER CENTER VENÂNCIO 2000
1.º SUBSOLO - LOJA 55-D
FONE: **226-8883**
BRASÍLIA - DF

Do Autor

Trapiá (contos). Livraria Francisco Alves, São Paulo, 1961; segunda edição, Coleção Saraiva, São Paulo, 1972. Tradução alemã do conto "O Padrinho" — "Der Taufpate", na antologia *Die Admiralsnacht*, Aufbau-Verlag, Berlin und Weimar, 1972. Adaptação do conto "Come Gato" para a televisão.

O Sal da Terra (novela). Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1965. Tradução italiana: *Sal Verde Della Terra*, E.I.L.A. Palma, Palermo, Itália, 1971. Tradução árabe (em resumo) na antologia "Brisas Brasileiras", de Felipe Lutfalla, 1973. Adaptado em roteiro para o cinema pelo cineasta Luiz G. dos Santos.

Os Meninos e o Agreste (contos). Editora Quatro Artes, São Paulo, 1969; segunda edição, Editora Quatro Artes, em convênio com o Instituto Nacional do Livro, 1971. (Prêmio "Afonso Arinos", da Academia Brasileira de Letras).

Uma Luz no Sertão (romance-reportagem sobre o Padre Cícero Romão Batista, de Juazeiro, Ceará), Editora Clube do Livro, São Paulo, 1973.

O Casarão (contos). Editora do Escritor, São Paulo, 1975. (Prêmio "Jabutí", da Câmara Brasileira do Livro.)

CHUVA

Os Dez Cavaleiros

CAIO PORFÍRIO CARNEIRO

CHUVA

OS DEZ CAVALEIROS



EDITORA HUCITEC

São Paulo, 1977

© Direitos autorais, 1977, de Caio Porfírio Carneiro. Direitos desta edição reservados pela Editora de Humanismo, Ciência e Tecnologia HUCITEC Ltda., Alameda Jaú, 404, 01420 São Paulo, SP, Telefone: 287-1825. Capa e desenhos de Marcel. Serviço gráfico da Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais S.A., Rua Conde de Sarzedas, 38, 01512 São Paulo, SP.

FICHA CATALOGRÁFICA

(Preparada pelo Centro de Catalogação-na-Fonte,
Câmara Brasileira do Livro, SP)

C29c

Carneiro, Caio Porfírio, 1928-
Chuva: os dez cavaleiros. São
Paulo, HUCITEC, 1977.

1. Contos brasileiros I. Título:
Chuva. II. Título: Os dez cavaleiros.

77-0403

CDD-869.935

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Século 20 : Literatura brasileira
869.935
2. Século 20 : Contos : Literatura brasileira
869.935

*Eram dez cavaleiros
Eram dez — e a chuva
Todos tão semelhantes
Todos tão diferentes*

Primeiro cavaleiro	O PREÇO
Segundo cavaleiro	A PURIFICAÇÃO
Terceiro cavaleiro	A VINGANÇA
Quarto cavaleiro	A ENCRUZILHADA
Quinto cavaleiro	A FALA
Sexto cavaleiro	A LIBERTAÇÃO
Sétimo cavaleiro	A SOLUÇÃO
Oitavo cavaleiro	O ESPERADO
Nono cavaleiro	O RESGATE
Décimo cavaleiro	O DÉCIMO

PRIMEIRO CAVALEIRO
o preço

A sensação de perda total transformou-se em pavor medonho.

Texto

*“Chega a esta casa
sem prazo ou contrato.”*

Carlos Nejar

Com o clarão do relâmpago viu, a poucos passos, o lance de cerca. Seguiu-a, orientando o animal, para não jogá-lo em atoleiro ou sobre os arames. A chuva pesada tornava a escuridão mais compacta.

Na rapidez da claridade descobriu a choupana. Apeou-se, prendeu o animal ao mourão de casca grossa e coberto de melão-de-são-caetano.

— Alguém em casa?!

As apalpadelas, procurou a porta.

— Alguém em casa?!

O lampejo azulado indicou-lhe o caminho certo e ele sentiu que a porta, de talas de carnaúba, abria-se em chiado, ao pequeno empurrão dos dedos.

Viu-se dentro da casa.

— Ninguém?! . . .

O retorno breve de luz foi suficiente para mostrar-lhe a sala deserta e o chão de barro batido encharcado de goteiras.

— Melhor do que lá fora . . .

Acomodou-se ao canto mais protegido, embrulhou-se ao capote, o chapéu descido às orelhas, molhado até os ossos. Convenceu-se, tiritante, que bastariam poucas horas de sono para vencer o cansaço e transpor o resto da caminhada. Preocupou-se com o cavalo lá fora, preso ao mourão, entregue ao temporal.

A claridade surgiu tênue, o seu animal correu pelo campo infinito, coberto de salsas, canapuns e capim verde, e a sombra tudo jogou em grande abismo e esquecimento.

A dor aguda, no quadril, fê-lo abrir os olhos, sentir-se solto no espaço, depois em lugar estranho, e, por fim, dentro da realidade de uma choupana cercada e coberta de palhas.

— Quem é você?

O homem muito grande, um dente só, barba cerrada. encarava-o como uma serpente.

— Eu? . . .

— Você.

— Procurei me abrigar. O temporal. . .

— Está na minha casa. E sem minha licença.

— Estava deserta. Chamei muitas vezes.

— Não é motivo.

Descobriu que a chuva passara e a claridade forte infiltrava-se entre as palhas. Ouviu, com nitidez, vôo curto seguido de *tou-fraco, tou-fraco, tou-fraco*, e o relinchar e pisotear do seu animal.

Passou a mão nos olhos:

— Dormi mais do que esperava. O cansaço. . .

Procurou erguer-se. O pé firme prendeu-o ao chão.

— Não precisa isto. Pago a dormida.

— Vai pagar, sim.

— Venho de muito longe e vou para muito longe. Além do Catolé. O temporal chegou de repente.

— Não é motivo.

— Pago o que cobrar. . .

O homem tirou o pé e ele pôde levantar-se e sentir que a diferença física entre ambos era grande.

— Quanto?



March 78

— O que eu achar quanto deve.

O homem muito grande, barba cerrada, o dente a se destacar, barrava-lhe a porta.

— O que eu pedir.

— Talvez eu não possa...

— Pode.

Uma ponta de dúvida espicou-lhe por um segundo:

— Como pode provar que esta casa é sua?

— A minha palavra.

— A sua palavra?...

— É o bastante.

Voltou a procurar, automaticamente, desalentado, alguma moeda.

— Quanto quer?

— Só uma coisa.

— Diga.

— O seu cavalo.

Recuou alguns passos, em defesa, olhos de medo e de incompreensão.

O homem muito grande, barba cerrada, a língua a balançar mole sob o dente, olhos empapuçados, mostrou-se lógico:

— Eu podia ter roubado... Prefiri conquistar por direito. Fui ou não fui honesto?

Recuou mais ainda, encostou-se às palhas, em defesa sempre, procurando fugir de uma realidade impossível.

— O meu cavalo, não.

— O seu cavalo.

— É tudo o que tenho...

— Adquira outro.

— Amansei lá para os lados do pântano, do outro lado da Lagoa Grande, passando fome, comendo só farinha. Trabalho enorme. Passei vários dias com tonturas.

— Amanse outro.

A sensação de perda total transformou-se em pavor medonho. Fitou nos olhos o homem muito grande, barbudo, boca fechada e dente descendo sobre o lábio inferior,

e compreendeu. A aflição para encontrar solução levou-lhe a mão, em segundo, à cintura e ao peito largo que barrava a entrada da porta. Deu conta de si quando, em chiado lento, trouxe de volta a lâmina, e o baque no chão produziu som cavo de muitos quilos. Encostou-se às palhas e respirou fundo muitas vezes, nada raciocinando, como chegado de desabalada carreira. Alargou a passada para não tocar o corpo, as manchas vermelhas a crescer no capote. Debruçou-se sobre a sela longo tempo e automaticamente guardou a lâmina no mesmo lugar de onde a sacara.

O animal dormitava. Esfregou várias vezes os olhos, mão trêmula, unhas enegrecidas de sujo, como procurando despertar para a realidade. Depois ficou olhando para a aranha que subia, escapulindo sempre, o mourão enfeitado de melão-de-são-caetano. O *tuco-tuco* do coração foi normalizando o ritmo.

Contagiado pela passividade do animal, sentiu que o sono descia-lhe de manso, ao contacto da testa no couro liso da sela.

SEGUNDO CAVALEIRO

a purificação

*Olhou-o pela primeira vez para descobrir que ele em nada
diferia dos demais.*

Texto

*“Meu coitado corpo
Tão desamparado...”*

Carlos Drummond de Andrade

Sentou-se no tronco da árvore, encolhida e tiritante, esperando que a chuva se tornasse menos forte. O homem barbudo viu-a de longe, sofreu o cavalo, aproximou-se com lentidão. Examinou-a de perto e ela não ergueu a cabeça. Com a ponta do chicote afastou-lhe os cabelos e descobriu-lhe as feições.

— E essa pereba aí, perto da orelha?

Continuou muda.

— Não responde?

Começou a desabotoar a braguilha:

— Pode ser agora?

— Pode.

Olhou para os lados:

— Aqui?

— Aqui.

— Qual é a sua idade?

— Não sei.

Ela procurava cobrir os joelhos com a barra da saia que lhe grudava nas pernas.

— Procuo uma, há dias, feito doido. Não agüento mais. Você serve.

Ela estirou-se, levantou a saia e aguardou. E enquanto sentia a barba áspera espinhar-lhe o pescoço, o peso a lhe sufocar, acompanhava o vôo da ave no céu de névoa úmida.

O homem levantou-se, respirou fundo, limpou-se com folhas secas, examinou os botões da roupa:

— Quanto?

Desceu a saia, abraçou-se aos joelhos. Olhou-o pela primeira vez para descobrir que ele em nada diferia dos demais.

— Não sei.

— Então tome.

Entregou-lhe a moeda e ela fechou-a na mão com segurança. O homem montou, firmou-se nos estribos acariciando as partes íntimas como aliviado, perdeu-se na névoa, para os lados da serra, e então a tosse lhe chegou repentina. Levantou-se e, sob a chuva que ainda caía, caminhou para a vila, embora sentisse que não teria perdão. Deteve-se um instante indecisa e voltou a vista para a Lagoa Grande, lá distante, muito além do milharal, e de onde vinham os miasmas.

Os homens esquilidos, estropiados e exaustos do trabalho, viram-na passar e apontaram:

— Lá vai ela, a puta vagabunda.

Chegou à vila e acorrou-se ali no canto das palhas, sob o beiral. Sentia uma ardência entre as pernas, nascida muito de dentro.

As mulheres, algumas barrigudas, encararam-na pacientes, entre as frestas, esperando, mais uma vez, que ela se fosse para nunca mais.

No caminho da serra o cavaleiro parara algumas vezes o animal para meter a mão por dentro das calças e coçar os pêlos:

— Que merda.

A chuva afinou e com o cair da tarde os homens esmolambados e febris chegaram se arrastando e a encontraram



Marcel
78

acocorada no mesmo lugar. Sabiam que as mulheres, dentro das casas, a observavam. Por isto passaram por ela de cabeça baixa.

Ela se viu, novamente, sozinha e sufocada pela tosse. Examinou a moeda durante muito tempo e resolveu-se, tímida, tentar de porta em porta. Apenas a velha do último casebre, já na saída da vila, aceitou a oferta. Guardou a moeda no fundo do baú e estendeu-lhe o prato de ágata:

— Tenho só isto. Tome.

Comeu com sofreguidão, devolveu o prato, limpou os dedos na saia, a boca com as costas da mão, e permaneceu ali. A velha espichou a cabeça para fora, olhou as outras casas, mostrou-se apreensiva:

— Vá embora.

— Para onde?

— Sei lá. Vá embora. De onde você veio?

— Não sei. . .

— Vá embora, criatura.

A velha bateu a porta e ela voltou a recolher-se sob o beiral. A ardência entre as pernas aumentava. Vontade de coçar, coçar. Conseguiu se conter.

O cavaleiro, no caminho da serra, parou o cavalo e apeou-se contrariado. Abriu a braguilha, examinou o sexo, os pêlos. Dentre eles retirou, com as unhas do polegar e do indicador, o pequeno piolho.

— Puta miserável.

Os lampiões iluminaram as casas e as mulheres, unidas, vieram a passos lentos, a da frente de candeeiro em punho. Pararam a certa distância e encararam-na. O candeeiro, na mão da mulher, subindo e descendo, iluminava-a por inteiro.

— Vá daqui.

— Para onde?

— Nossos homens nos encheram das mazelas que você passou para eles.

A mais grávida, ventre enorme, queixou-se:

— E eu, que estou de sete meses. . .

O candeeiro descia e subia.

— Vá embora e não volte mais.

— Não tenho para onde ir.

A magricela sugeriu:

— Passe antes na Lagoa Grande e tome um banho.

— Tenho tosse e febre.

— Não faz mal. Purifica.

— Tenho medo.

O candeeiro continuava a subir e a descer.

— Amanhã de manhã não queremos ver mais você aqui.

As mulheres voltaram silenciosas, recolheram-se, os lampiões apagaram-se, e desceu uma grande paz.

No caminho da serra, o cavaleiro acampava debaixo da árvore, o animal amarrado ali perto. Fez fogo e foi mijar no pé de arbusto podre. Sentiu ardor na uretra. Apertou a glande.

— Puta merda! Me estrepei todo.

A outra possibilidade tranqüilizou-o:

— Pode ser só irritação.

Sob o beiral ela sentiu que a tosse desaparecera como por encanto. E também adormecia a ardência que vinha de dentro de si. Abraçada aos joelhos, só despertou quando a névoa da manhã, levada pela brisa, distanciava-se em direção à Lagoa Grande.

Seguiu na mesma direção, certa de que as mulheres a fiscalizavam entre as frestas.

Quando as forças estavam para lhe fugir de todo, viu-se à margem da Lagoa. O fascínio da sua dimensão sem fim e da profunda solidão em todos os quadrantes prendeu-a ali por muito tempo.

Na lembrança, apenas, e até com certa ternura, o último homem que a possuía e que levava dela a mesma mazela que atingira a todos na vila, e que ele a espalharia pela serra do Catolé.

Sentiu-se leve, liberta, e caminhou lagoa adentro para a purificação, enquanto o cavaleiro dormitava na sela, vencendo os estirões de léguas no caminho da serra.

TERCEIRO CAVALEIRO

a vingança

O braço subiu e caiu em pancadas violentas e sucessivas, até sentir-se exausto e descobrir que o pedaço de madeira se partira em farpas miúdas.

Texto

*“Por isto ele tinha aquela grande tristeza,
Que ele nunca disse bem que tinha. . .”*

Fernando Pessoa

As patas do animal deslizaram no barro e a mão susteve a rédea para manter o equilíbrio. A chuva caía persistente e encharcava a longa crina castanha.

Olhos tristes, faces encovadas, aproximou-se da calçada alta e em rápida laçada prendeu o animal ao poste. Chegou-se ao balcão deserto, coberto de moscas:

— Uma dose. Forte. Bem forte.

O homem flácido embrulhou-se e recuou tímido antes de atendê-lo.

— Este frio que não passa...

O homem flácido entregou-lhe a bebida. Examinou o conteúdo do copo, onde pequenas borbulhas explodiam como pérolas.

— Da melhor.

— Obrigado.

Sorveu o líquido de uma vez e sentiu a sensação morna espalhar-se por todo o corpo. Enfiou as mãos nos bolsos do capote e deteve-se à porta. Circulou a vista pela praça deserta:

— Apenas o senhor vive neste lugar?

O homem escorou-se ao balcão e balbuciou palavras ininteligíveis.

— Todos se foram?

O homem flácido continuava a atropelar palavras.

— E se eu estivesse aqui para matá-lo?

O homem abria desmesuradamente os olhos e fazia gestos confusos com as mãos.

— Pensarei nisto, homem. Pensarei nisto.

Aproximou-se do animal e enxugou-lhe, com a aba do capote, o focinho gotejante. A vista caiu então no vulto, encolhido no banco tosco, no centro da praça. Voltou ao balcão e bateu muitas vezes com os nós dos dedos na madeira:

— Ele lá. Está vendo? Lá, no banco da praça. Persegue-me há anos. Sabia?

O olhar do homem flácido procurava compreender. O braço continuava apontando:

— Lá. No banco da praça.

O homem encolhia-se e mostrava-se mais balofo. E tinha medo dos olhos tristes.

— Persegue-me sempre, sem parar. Um tormento.

Voltou à porta, decidido. A praça mostrava-se deserta. Circulou pela calçada, olhos vigilantes e mais tristes. As casas, iguais e cinzentas, acachapadas sob o aguaceiro, cercadas de carrapicho. A igreja, ao centro, coberta de lodo e descascada, crescia monstruosa e ele teve uma ponta de medo. A água, em riachos, gorgolejava em muitas direções.

Recuou em passos lentos, levantou a aba do capote, desceu a do chapéu, para impedir que o vento continuasse a lhe navalhar o rosto.

O homem, debruçado ao balcão, disforme e pesado. Foi necessário que o suspendesse pelas axilas, acumulando o máximo de forças, e o jogasse sobre sacas. Então pulou o balcão e se serviu sucessivamente de doses douradas, até se sentir perfeitamente aquecido. Com esforço, transpôs uma das sacas sobre o balcão e aproximou-a do animal:

— Farte-se.

Apanhou, nadando no enxurro, o pedaço de madeira com muitos nós, e sopesou-o. Ao erguer-se, os olhos abriram-se surpresos e depois semicerraram-se desconfiados para estudar, com cuidado, o vulto ali encolhido no banco tosco, meio enfiado na lama, no centro da praça.

Voltou rápido e bateu o pedaço de madeira com tal violência no balcão que o homem deslizou pela parede como enguia.

— Persegue-me sempre! Não me deixa em paz.

Pegou o homem pelo braço, decidido:

— Venha.

Trouxe-o por sobre o balcão, as pernas gordas a atrapalhar.

— Venha!

Empurrou-o porta afora e juntos percorreram a calçada. Estacou. O banco estava deserto, lá sozinho no centro da praça, meio encoberto pelo mata-pasto, e cresceu-lhe por isto um começo de ódio e decepção.

— Volte, homem, para a sua venda. Não preciso mais de você.

Sentou-se na ponta da calçada, junto ao animal, que focinhava o conteúdo da saca, na pressa de comer. O capote aberto, indiferente ao vento frio, não afastava os olhos do banco tosco e deserto. Demorou-se ali longamente. Depois levantou-se, abotoou-se até o pescoço, voltou a descer as abas do chapéu e a subir a gola do capote. Firmou na mão o pedaço de madeira e saiu, *blote, blote*, a mergulhar as botas no barro mole, disposto a uma inspeção. O animal, farto, escorou-se ao poste, sonolento, indiferente à chuva.

Aproximou-se do velho banco de madeira carcomida, derreado na lama e no mato crescido. As casas pareciam vigiá-lo. A igreja bem plantada e disforme no meio do capinzal que alcançava os peitos.

Parou diante da porta e pensou em abri-la em encontrão rápido. O sentimento de respeito fê-lo apenas encostar os dedos. Surpreendeu-se ao vê-la ceder sem esforço e escancarar-se par em par. A nave pareceu-lhe imensa, sem fim

e deserta. Os passos reboaram e ele passou a mudá-los com prudência. A abóbada, lá no alto, e o crucifixo, lá distante, deram-lhe conta de que estava sozinho. Voltou sobre os próprios passos e se deteve à porta escancarada para o tempo. O vulto estava no banco, encurvado e solitário. O ódio e o desespero crispavam-lhe os dedos no pedaço de madeira.

Aproximou-se pisando em tufos de capim. Viu-se às costas do vulto, que se tornara mais impreciso, envolto que estava na espessa neblina. O braço subiu e caiu em pancadas violentas e sucessivas, até sentir-se exausto e descobrir que o pedaço de madeira se partira em farpas miúdas.

Voltou para junto do animal. Estirou-se na calçada, abriu o capote, jogou o chapéu para o lado, desabotoou a camisa e recebeu no peito, como um bálsamo, a água fria que caía em cortina cerrada. Poderia dormir profundamente e deixar o tempo passar.

Então aproximaram-se e seguraram-lhe os pulsos. A multidão fechava o círculo e o homem flácido mostrava-se ainda apavorado:

— Entrou aqui na venda, tirou-me do sono, bebeu e espancou-me.

O homem fardado olhou-o nos olhos e o homem flácido ampliou os gestos:

— Arrastou-me aqui fora, por cima do balcão. Aqui fora.

O dedo gordo, igualmente flácido, apontou trêmula para a saca:

— É tudo aquilo, de muito valor e de minha propriedade, para o cavalo dele. Prejuízo grande.

O homem fardado ordenou que se afastassem. Austero e silencioso, examinou o animal. Depois, encurvado, mãos nos joelhos, estudou o homem de faces encovadas estirado na calçada:

— Encapotado como está, e com este sol, de onde terá vindo?

Voltou ao animal. Verificou sela, arreios.

— Coberto de suor. Estafado. Vê-se logo.



A voz cansada e catarrosa de um velho tão velho que não tinha mais o que envelhecer se destacou por entre as muitas cabeças:

— Muitos se foram, amargurados e tristes, no tempo das chuvas e das pestes na Lagoa Grande. Lembram-se? Parece um deles.

O homem fardado encarou o velho bem velho, com ar de incredulidade:

— Muitos e muitos anos já se passaram, velho. Anos e mais anos.

Depois, mostrou-se revoltado:

— Ninguém surgiu, da multidão tão grande, a passear na praça ou a rezar na igreja, para segurar-lhe o braço e impedir que desse cabo daquele pobre coitado, que apareceu por aqui e ninguém sabe também de onde veio.

Voltou a examinar, detidamente, o homem encapotado estendido na calçada, e sentiu por ele, inexplicavelmente, muita pena.

— Dorme profundamente.

Pensou um instante e concluiu:

— Melhor assim.

E olhou na direção do morro, para os lados da serra do Catolé:

— Levem-no e julguem-no.

QUARTO CAVALEIRO

a encruzilhada

Na sala, bem posto na cadeira, viu-se a si próprio a esperá-lo, na roupa bem talhada (como sempre usara em outros tempos), as mãos sobre os joelhos cruzados.

— Vamos.

Texto

*“Perdi-me no labirinto
Para melhor me encontrar . . .”*

Murilo Mendes

O

vulto mostrou-se impreciso, ao longe, sob a pesada chuva. Palpitou e aguardou o pior. Há anos permanecera de vigília, certo de que ele viria. Estudara todas as respostas e chegara, nas madrugadas, a sentir-se aliviado. Marcara bem, em inúmeras caminhadas, as mais diversas posições teatrais, todas para si convincentes. Acariciava o queixo, em cismas sem fim, os olhos no morro distante, no alto do qual ele surgiria e viria ladeira abaixo, em trote uniforme e bem posto na sela, para a solução definitiva.

O vulto adquiria contornos mais nítidos e não fosse a chuva distinguiria a cor do animal. Em movimentos ligeiros repassou todas as estudadas posições, não se decidindo por nenhuma, e se afligiu quando embaralhou as respostas há tanto tempo estudadas.

Olhou, em pânico, para o interior da casa deserta. A porta escancarada dos fundos (a gemer: *reng, reng. . .*), por onde os enxurros entravam, convenceu-lhe, num segundo, de que teria tempo para a fuga.

Só deu conta de si quando se viu encharcado, o cansaço a provocar-lhe desmaios, respiração de quase morto: *uuuf... uuuf...*

Acocorou-se à porta de um casebre meio arreado, caindo aos pedaços, paredes de bolões de barro, e deixou-se ficar ali, a água a gotejar do queixo.

Dedos tateantes como de caranguejeira tocaram-lhe o ombro e ele levantou os olhos suplicantes para o rosto enrugado e a carapinha branquinha, branquinha: capucho enrolado.

— O que foi, filho?

— Esperei por ele sempre, certo de que o enfrentaria. Certo de que o convenceria. E estou aqui, cansado, encharcado, largado na porta da sua casa.

— E ele veio...

— Veio.

— É... Sempre vem.

— Tenho medo.

— Acontece.

— Quem sabe aqui escondido...

— Ele o encontrará. Aqui e em qualquer parte.

A sufocação cresceu, numa aflição medonha, e ele desfez-se em lágrimas, que se diluíram na água e lhe banharam o rosto.

— Procurei me convencer, velho, este tempo todo, de que a culpa nunca me coube.

— Pois ele vai encontrar o casarão vazio e continuará na busca.

Via agora o cajado mondrongoso e liso na mão trêmula, branca por dentro, preta por fora.

— Afinal quem é você, meu velho?

O velho estendeu-lhe a caneca:

— Um velho. Um velho como qualquer velho. Beba.

— Embriaga?

— Não resolve. Faz esquecer.

Sorveu todo o líquido, *gluts-gluts* enormes, em verdadeira angústia, os dedos a prender a caneca como tenazes.



— Devagar.

Soltou arrote sonoro e deixou-se escorregar no barro mole e enegrecido pela fossadura de porcos e bosta de galinhas. Jogou a caneca para o lado e apoiou-se ao braço para adormecer.

— Deixe-me em paz, meu velho.

— Durma.

O torpor enevoou-lhe as idéias e ele, em paz absoluta, caiu em sono profundo. Demorou-se nele uma eternidade. O suficiente para, no sonho, mais uma vez estrangular o pescoço liso da mulher, navalhar-lhe o rosto, arrastá-la pelos cabelos, estripar-lhe o ventre, chamá-la de filha-da-puta e rameira de beira de estrada, e enterrá-la longe dos olhares das testemunhas.

Quando os pássaros cantaram e a centopéia começou a subir-lhe pela perna, sentiu os raios do sol doerem na vista. O barro endurecera, as palhas secas do casebre farfalhavam ao vento e a poeira redemoinhava lá longe. Pôs-se de pé, lento, pesadão, roto e barbado. E caminhou, caminhou, caminhou, horas seguidas, de volta ao casarão. Dirigia-se, com insistência, aos que transitavam pelas veredas: quando homens, tangendo animais; quando mulheres, trouxas enormes na cabeça:

— E o velho, conhecem ele?! O que me deu de beber e deixou-me à porta do casebre, esquecido de tudo. Conhecem ele?! Ou vocês acham que foi sonho?!

Os homens tangiam com mais pressa os animais e as mulheres apertavam o passo, equilibrando, com dificuldade, suas trouxas.

— Têm medo de mim?!

Entrou no casarão pela mesma porta por onde saíra em fuga. Nada mais importava agora. As águas lavaram as paredes e ele via, em cada canto, sinais da passagem do tempo.

Na sala, bem posto na cadeira, viu-se a si próprio a esperá-lo, na roupa bem talhada (como sempre usara em outros tempos), as mãos sobre os joelhos cruzados.

-- Vamos.

Admirou-se da nenhuma aflição, a paz a crescer no peito. Arrastou a cadeira e sentou-se em frente, em posição idêntica, mostrou-se de bom humor:

— Estudei todas as posições, todos os gestos, as melhores palavras, para afugentá-lo. Mas só consegui um pouco disto com a infusão que bebi.

— Compreendo.

Os olhos se fixaram nas mãos estriadas de vermelho vivo:

— Nem o tempo apaga...

— Nem ele.

— Mas olhe: ela merecia ou não o castigo?

Os ombros encolheram-se:

— Talvez sim... talvez não.

Viu-se mais velho, grisalho, bem posto ali em frente:

— Quantos anos já se passaram?...

— Muitos.

— E não foi suficiente...

— Não foi.

Levantaram-se.

— Vamos.

— Vamos.

Caminharam para a porta. Olharam a vastidão ondulante. O pau-d'arco, sozinho no descampado, ia para lá e para cá, fazendo *vut-vut*, ao sabor do vento. A serra do Catolé, imprecisa e trêmula, lá para os lados do infinito.

Montaram o mesmo cavalo.

O animal subiu a crista do morro e o velho, da porta do seu casebre, cabelos de bosta branca de rolinha, saudou o cavaleiro levantando o cajado.

Depois, dentro da sua filosofia de vida centenária, perguntou-se que destino tomaria aquele homem atormentado, quando ele alcançasse a encruzilhada.

QUINTO CAVALEIRO

a fala

“As palavras, mansas, foram crescendo, crescendo, ganharam a amplidão, até muito longe, levadas pelo vento.”

Texto

“Eu sou o povo e o trigo para o povo.”

Francisco Carvalho

Quando o pé desceu do estribo e tocou o chão, *ploft*, sentiu que o seguravam pelo braço.

— Vamos.

— Para onde?

— Beber.

O velho capenga e encapotado soltou-lhe o braço e sacou, do bolso do capote poído, a garrafa de líquido escuro. Sentaram-se na ponta da calçada de tijolos quebrados, sob a chuvinha, e ficaram bebendo em silêncio, a garrafa a gorgolejar de boca em boca.

— É forte. Puxa.

— Muito forte.

O cavaleiro encarou o velho, água a gotejar do chapéu:

— Você me conhece?

— Eu? Não.

— Por que então me convidou para beber?

— Ora porque... Porque já bebi com todos desta porcaria de lugar. Com velhos como eu, com velhas, rapazes, doentes, até com crianças. Você é companhia nova.

— Acha, hem.

— Claro.

O cavaleiro apontou-lhe o pé grosso:

— Como foi isso, meu velho?

— Uma queda, quando rapaz. Destroncou. Veja o mondrongo.

— É. Engrossou.

Coçou o queixo, lentamente, circulando a vista, sobran-celhas geminadas:

— Onde está o povo desta vila?

— Curtindo a bebedeira.

— O quê?!

— Verdade.

— A garrafa está vazia.

— Trago outra, aqui debaixo do capote. E consigo outra e mais outra. Temos um monte. Não se preocupe. Só não peça comida. Isto é difícil, por estes lados. Os peixes fervilham na Lagoa Grande, mas são levados, até o último, para além do Catolé.

Pronunciou-se o vinco na testa do cavaleiro:

— Nem para o meu animal?

— Nem para ele. Com esta chuva que não passa, a Lagoa aumentou de muitas vezes o seu tamanho. Dilúvio. Cobriu as roças, as vazantes, multiplicou o número de peixes. Chegou a febre, e o Gordo . . .

— Que Gordo?

— O de charuto, dono de tudo, apareceu com seu grupo e trouxeram as garrafas. Corta a febre. Corta tudo. Beba.

— Chega. É muito forte.

O velho capenga e encapotado encarou o cavaleiro com curiosidade:

— Vem de onde e vai para onde?

— Vim de muito longe. Da planície.

— Andei por lá, faz anos. Só se comia mandioca e caran-guejo.

— Ainda é assim. Passei por aqui para falar.

— Falar o quê?

— Falar. Só isto: falar.

— Sabe: aqui alguns começaram a fazer isto. Veio o Gordo, sem ninguém esperar, noite escura de lobisomem, acompanhado do seu grupo, e levou todos.

— Para onde?

— Ninguém sabe. Disseram que para tão longe que o eco de suas palavras nunca seria ouvido. Muito além do Catolé. Para as bandas do fim-do-mundo. Sei lá. Beba.

— Não bebo tanto.

— Mistura forte. De ervas. Esquenta.

— Senti isto.

O velho estirou o pé torto e deixou-se ficar largado na calçada:

— Então bebo sozinho, até cair de quatro, que nem cobra empanzinada.

— Estou vendo. Mas me diga. . .

— O que?

— Onde estão as garrafas?

— Estas aqui?

— Essas aí.

— No galpão, atrás das casas.

— Vamos lá.

O velho saiu cambaleando, escorando-se à perna, por entre tufos de capim, pau-de-bater-banha, e o cavaleiro acompanhou-o puxando o cavalo.

Passaram por uma carcaça de cachorro e um bando de urubus levantou vôo em debandada.

No centro do grande descampado, coberto de mata-pasto murcho, empapado de lama, a construção grandona, firme em esteios grossos, erguia-se descomunal.

— Chegaram muitos homens, logo que apareceu a febre com o crescimento da Lagoa, e trabalharam noite e dia, dia e noite. Depois veio o Gordo com o seu grupo e trouxeram as garrafas. Tem jurubeba. Cura tudo.

— Já sei. Já sei.

O velho escancarou a porta e o cavaleiro, olhar de espanto, descobriu que a sucessão de garrafas bem empilhadas subia para o teto e perfilava-se em direção ao infinito.

Armou-se da barra de ferro e começou a quebrá-las. O velho encolheu-se de medo e abraçou-se à perna mondrongosa. Depois, abriu o sorriso incrédulo, os dois caninos a se destacar entre a chuva de perdigotos:

— Sozinho não vai conseguir. . .

— Vai ver.

— Espero.

— Espere.

O velho acomodou-se sobre o monte de palhas, embrulhou-se no capote surrado, ficou a assistir. O braço do cavaleiro subia e descia em velocidade espantosa. Às vezes parava para respirar e arqueava o corpo amparando as mãos nos joelhos.

— Cansou, hem.

— Claro que cansa.

O líquido gorgolejava em riacho e os estilhaços multiplicavam-se em flocos brilhantes.

Quando da chuva restaram apenas pingos raros e principiou a escurecer, todos da vila, despertos, tiritantes e resaqueados, vieram curiosos e se juntaram ao velho.

O cavaleiro, pingando de suor, vencido pelo cansaço, passadas moles, aproximou-se chapinhando no líquido de cheiro forte. Encarou o velho, ali encolhido, que permanecia de cabeça baixa, jururu. Depois olhou em silêncio os outros, que também se encolheram, imitando o velho.

Então suspirou:

— Está feito.

Saiu para o tempo e viu que a noite chegaria sem nuvens e pisca-piscada de estrelas. Descobriu distante, na semi-obscuridade, uma cruz de braço quebrado, no alto de uma torre:

— O que é aquilo?

A mulher de xale abraçou-se ao filho:

— Era uma igreja.

— Ah, sei.

Parou no meio do descampado, abriu os braços, e todos o cercaram, numa grande roda.

— Ouçam. Vou falar claro. Prestem atenção.



Tossiu.

As palavras, mansas, foram crescendo, crescendo, ganharam a amplidão, até muito longe, levadas pelo vento.

Quando a voz desapareceu na rouquidão e ele deteve os gestos e se sentou na pedra limosa para recobrar as forças, os velhos e os que pareciam jovens, os doentes e os possíveis sadios, aproximaram-se e esfregaram as mãos, olhos brilhantes, convencidos.

Saíram depois unidos, calados e confiantes, e sentaram-se no chão brejado, no centro da praça, para aguardar.

O cavaleiro levantou-se da pedra, respirou fundo, pousou a mão no ombro do velho:

— Não sei se disse tudo.

— Vão esperar pelo Gordo talvez dias e noites, até que ele volte.

O cavaleiro balançou a cabeça, compreendendo.

Pôs o pé no estribo. Num impulso, deixou-se cair sobre a sela.

— Adeus.

Ao contornar o praça, observou que todos, silenciosos e macilentos, tinham os olhos fitos no caminho que seguia para o horizonte e pelo qual o Gordo muitas e muitas vezes veio, e por onde haveria de novamente vir, um dia.

SEXTO CAVALEIRO

a libertação

*Trancaram o passado, a sete chaves e para nunca mais,
no velho baú tacheado e de couro áspero.*

Texto

*“que se dá de dia em dia,
que se dá de homem a homem,
que se dá de seca em seca,
que se dá de morte em morte.”*

João Cabral de Melo Neto



As mulheres prenderam as saias e correram quando o cavaleiro estudou a praça e cumprimentou as casas desrebecadas numa reverência. Os olhares curiosos, às meias janelas, viam-no como uma sombra, que a cortina de chuva diluía-o em estátua imprecisa.

Ele tinha consciência da sua imponência, ampliada pela enxurrada descida dos morros. Sozinho e firme na sela, entre os filetes que envelheciam a praça com sulcos profundos.

Ergueu-se nos estribos, feito um rei, e voltou a circular a vista, queixo arrebicado de dono de tudo. A reação foi nenhuma. A vaca magra mugiu no pasto e os ecos multiplicaram-se para revelar apenas a grande solidão, e as casas encolheram-se ainda mais de medo.

O homem de preto aproximou-se, braços cruzados ao peito, banhado de chuva pediu contemplação:

— Deixe a gente em paz.

— Depois.

Ao descer do cavalo sentiu-se, por um instante, melancolicamente menor. Ergueu a aba do chapéu para restaurar a ascendência indispensável. O homem de preto se foi com

a lufada, corcovado, e ele sentiu ligeira compaixão. A indecisão foi grande. Escorou-se à sela e esperou.

A chuva, pesada, plantava-os ali, a ele e ao cavalo. As janelas fechadas, e os últimos curiosos recolhidos e quietos.

O homem de preto voltou e insistiu no pedido de todos:

— Deixe a gente em paz.

— Depois.

— E depois?

— Serão mais felizes.

E o homem de preto, no recuo, foi seguro pelos dedos peludos:

— Hoje e agora.

— Não faça isto.

— Traga-me as três mais contritas.

— Estão sempre rezando.

— Aqui e agora. Em praça pública. As janelas abertas e todo o mundo assistindo. Tem padre neste lugar?

— Não.

— Ele também assistiria. Vá. Rápido.

— Podem impedir.

— Ninguém vai impedir nada. Todos me esperavam. O senhor inclusive. Apressse-se.

A mansuetude recolhida curvou-se ainda mais em si mesma até sumir-se de todo sob a chuva.

E ele esperou, em crescente impaciência. Dispunha-se a resolução mais drástica quando viu, molhadas e recolhidas, a balbuciar orações, aproximarem-se em fila, seguindo o homem de preto.

— Pronto.

— Obrigado. E as janelas? Quero todas elas escancaradas. Todas elas, ouviu?!

Ajoelharão-se as três em torno dele, cabisbaixas, como em veneração. Ele aguardou, sem um gesto, até que a última casa, a mais distante, na descida para os campos, abrisse a porta par em par.

O tempo amainou e a platéia muda se mostrou quieta e expectante em todos os lares. Mulheres magras, barrigudas



Alfred
77

e despenteadas. Homens alquebrados, empodrecidos chapéus de palha na cabeça. Meninos nus, dedo na boca.

— Começemos então. Você.

Num impulso, ergueu uma delas, tirou o pano que lhe cobria a cabeça, alisou-lhe os cabelos, desceu-lhe os dedos em carícia pelo rosto. Arrancou-lhe o rosário e jogou-o para longe. Foi enrodilhar-se num galho seco de árvore. Rasgou-lhe o vestido com violência.

— Deite-se. Assim.

As mãos peludas forçaram-na a cumprir a ordem:

— Aí. Aí.

Despiu-se e pôs a roupa, em dobras bem cuidadas, sobre a sela.

— Vamos lá, meu bem.

O sussurro das duas outras mulheres ampliou-se e rezas nítidas foram ouvidas por todos, em súplicas ardentes.

— Aprenda, meu bem. É assim, assim. Isto.

Possuía-a entre as patas do cavalo.

Deixou-a em paz somente quando os seus gritos de prazer desceram das nuvens e morreram em tênue gemido.

Levantou-se, tomou-a pela mão, apontou:

— Pode ir.

Encarou, superior, os muitos rostos, ao longe, bem visíveis agora que a chuva afinara. Contemplou as duas ali ajoelhadas, e, em movimento decidido, seguro a mais próxima:

— Agora você. Arranque tudo.

O céu mostrava-se mais nítido e um raio de esperança começou a descer no coração de todos. E quando a última delas correu, nua e liberta, e ele, já vestido, mostrou-se orgulhoso junto ao cavalo e entre as três manchas de sangue, que se diluíam nos filetes d'água, todos trancaram-se em casa e aguardaram.

As três, uma a uma, banharam-se, perfumaram os peitos e o sexo, enfeitaram-se, miraram-se longamente ao caco de espelho. Cobriram as camas com lençóis e fronhas novas, cheirando forte a naftalina. Acenderam e avivaram ao

máximo todos os lampiões e lamparinas da casa. Deram nova disposição às furadas cadeiras de palhinha da sala. Trancaram o passado, a sete chaves e para nunca mais, no velho baú tacheado e de couro áspero. E debruçaram-se à janela, unidas e sorridentes, pintadas e de brincos, para esperar.

O homem de preto, agora em roupa alegre de brim listrado, mostrou-se solidário:

— Posso cooperar. Tenho um velho piano.

— Aceitamos.

O vendeiro tirou o chapéu e plantado nas pernas gordas curvou-se em longa reverência:

— Eu forneço as bebidas. E gente para servir.

— Aceitamos.

A chuva se fora de todo, levada em lufadas intermitentes, o céu surgiu pontilhado de estrelas. Pontos de luz multiplicaram-se com rapidez e a praça remoçou-se iluminada.

Ele esperou, acariciando o cavalo, que os acordes do piano vibrassem na noite e vencessem o alarido dos que bebiam, dançavam, gritavam (“Como é bom, puta merda!”), e disputavam a preferência de levarem uma das três para o quarto (“Agora sou eu!” “Não, sou eu!”).

Dispôs-se então a partir.

O homem de preto, agora em roupa alegre, abandonou o piano e veio, reconhecido, tropicando, garrafa na mão, todo desgrehado:

— Muito obrigado . . . Muito obrigado . . .

— De nada.

O homem de preto, agora em roupa alegre, se foi aos tombos para o puteiro e ele, antes de partir, descobriu que nada mais restavam das três manchas de sangue.

Respirou fundo, esporeou o animal, partiu convicto de que, naquele lugar, a manhã surgiria mais clara.

SÉTIMO CAVALEIRO

a solução

O cavalo permanecia quieto e o homem fardado encharcava-se na água e no chão empapado, a perna presa ao estribo como uma sentinela, a advertir de que estava presente.

Texto

*“Então caminha para a morte
sem surpresa nenhuma
e também sem recompensa nenhuma.”*

Jorge de Lima

O

lharam intrigados e depois com indiferença. O cavalo parou resfolegante e o homem fardado deslizou com muita lentidão e caiu, num baque surdo, no barro mole, empapado de esterco. Moscas e mutucas voaram em chusma.

O velho, sentado na ponta da calçada, mordida as gengivas e somava os perdigotos aos pingos de chuva, na conversa com a mulher barriguda, sentada como ele, no outro lado da rua.

— Chuva doida que não passa. . .

— E as muriçocas, de noite. . . Santo Deus.

— Velho como estou não tenho ânimo para ajudar os outros.

— Nem eu no meu estado.

Cruzou os cambitos finos, calças remendadas enroladas até os joelhos:

— Com esta chuva piora tudo.

— Tudo.

O animal, entre os dois, era um empecilho.

— Por que ele não parou mais adiante?

Ela acariciou o ventre enorme:

— A gente pode espantar. . .

O velho apanhou a pedra mergulhada na poça d'água e atirou-a com violência no animal. Ele seguiu alguns passos, mudando as patas com lentidão na lama, a arrastar o homem.

A mulher apontou:

— O pé dele ficou agarrado no estribo.

— Estou vendo.

— Será que está morto?

— Tomara.

O animal caminhou com esforço um pouco mais, parou adiante, quase no fim da rua, que se abria para o tempo e para a serra do Catolé, no horizonte.

O velho juntou os joelhos e apoiou a mão no queixo:

— Está frio. Dói até no espinhaço.

— Eu estou por estes dias. . . Logo chegará ele, que vai completar dez.

— E este não vai ver o pai, seu marido, hem, comadre...

— Deus tenha ele em bom lugar. Criatura boa, o meu homem.

O velho indicou, com o beijo mole, o homem fardado, ali estirado:

— Seu marido acreditou nas promessas dele aí e esperou até morrer de tosse.

— Fiquei viúva e com nove, que já, já, sobe para dez.

— Sou o mais velho deste lugar. Todo o mundo sabe.

— Eu sei.

— Enfrentei as fomes, as doenças, as cheias, as secas, desde os mais antigos tempos.

Voltou a apontar para o homem fardado:

— Pois nunca acreditei na conversa fiada dele, como todos os outros, que estão arrependidos.

Cuspiu de banda:

— Olhe agora o estado dele. Pois que fique aí.

Os meninos esqueceram o lamaçal e vieram em bando postarem-se curiosos em torno do homem e do animal. Reconheceram-no metido naquela farda e procuraram indagar



Harold
1917

do velho e da mulher grávida por que não o socorriam. Ela baixou a cabeça, ficou a catar piolhos. O velho chamou-os para perto de si e foi incisivo:

— Esqueçam ele. Quando crescerem, nunca acreditem na conversa de um igual a ele. Se um dia aparecer um, com um mundo de promessas, tratem ele como trato este agora, que já foi um dos nossos.

Os meninos voltaram à vadiagem nos enxurros e o velho e a mulher grávida continuaram por longo tempo a conversar. O cavalo permanecia quieto e o homem fardado encharcava-se na água e no chão empapado, a perna presa ao estribo como uma sentinela, a advertir de que estava presente.

A chuva engrossou e quando voltou a afinar os homens e as mulheres chegaram com suas enxadas, foices e cisca-dores, e encostaram-se às paredes de taipa das casas para vencer o cansaço antes de se recolherem. Descobriram o homem fardado, ali na lama, reconheceram-no e permaneceram de olhos fixos nele, indecisos. Muitos, dentre eles, pensaram em trocar palavras, recordar as esperanças e as promessas, que ele lhes trouxe depois que se fardou, mas preferiram silenciar. Os meninos vieram e achegaram-se às saias das mulheres.

O velho levantou-se, molhado como os outros, e suspirou:

— Já é tarde. Escurece.

Procurou recolher-se. A mulher grávida e os outros imitaram-no. Mas o baixote amarelo, nu da cintura para riba, barba rala-rala, chegou no burro estropiado e esbaforido prendeu-os ali:

— Por que deixaram ele aí, nesse estado? . . .

Fechava os olhos para vencer o cansaço e apontava para o homem fardado. Todos encararam-no intrigados.

— Corri noite e dia para chegar primeiro. O cavalo dele foi mais rápido e o ódio dele muito grande.

Aproximou-se do homem fardado, examinou-o atento:

— Está morto.

Olhou um a um:

— Ele voltou para apontar caminho novo. Sofreu grande desilusão.

O velho expôs a desesperança de todos:

— Promessas que duraram meses, que duraram anos. . .

Brilhavam os olhos do homem amarelo, meia dúzia de cabelos na ponta do queixo:

— Ele acreditou nelas como um santo, que assim ensinaram a ele para que ele ensinasse à gente. Acabou balançando a cabeça, não acreditando mais em nada. E no caminho do Catolé, quase até o amanhecer, me mostrou outro caminho, bem diferente.

As mulheres e os homens aproximaram-se a passos lentos para ouvirem, bem de perto, as explicações do homem amarelo. Depois olharam para o velho, que meditava de mão no queixo.

Quando o velho suspirou. . .

— É verdade. Acredito.

. . . caminharam em direção ao morto, tiraram-lhe a farda, queimaram-na, vestiram o corpo com a velha roupa do tempo em que, igual a eles, a duras penas, lavrava a terra que não era deles, sob o sol e sob a chuva.

Conduziram-no, com cuidado, rua afora.

Como se o morto os guiasse, mais vivo do que nunca, pelo novo caminho, que os levaria à solução.

OITAVO CAVALEIRO

o esperado

*Ao vê-lo partir, por trás das muitas cabeças, palpitou
como antigamente.*

Texto

*“O abandono do corpo — não à atração telúrica —
à transcendência da natureza.”*

Henriqueta Lisboa

Ao descer do cavalo pisou com cuidado para a bota não mergulhar na lama. Os dedos fecharam o capote ao alto do pescoço e os olhos semicerrados para vencer a chuva louca circularam de casebre em casebre, a estudá-los. O animal, empapado, soltou relincho curto e escorou-se ao pau mondrogoso.

Andou em passadas lentas para manter o equilíbrio, convencido de que pares de olhos o encaravam surpresos entre as palhas e as janelas mal fechadas. Deteve-se à frente da porta de tábuas irregulares e por um instante notou que a água gorgolejava no chão em pequena cachoeira. Os dedos soltaram o capote, o punho se fechou, mas se deteve a meio caminho para as batidas, indeciso. O gesto se desfez e a mão se espalmou ao queixo, repousando a cabeça pensativa.

Ele ficou ali longamente, abstraído, sob a chuva, distante e ausente. Do chapéu a água descia em filete lento, pinga-pingava no bico da bota. Correu rápido a vista, desperto, examinou os casebres acachapados sob a chuva, a

prever testemunhas, e o pé, violento, abriu a porta com ruídos de tábuas mal ajustadas.

Viu-se dentro da casa chuviscada de goteiras. Descobriu-a encolhida ao canto, a apertar o pano ao peito, para defender-se e se como o esperasse.

— Vim buscá-la.

Encarou-lhe as botas enlameadas:

— O senhor veio . . .

Ele bateu o chapéu com violência no capote para livrá-lo de pingos:

— E com esta chuva que não passa . . .

— Não devo ir.

— Vai, sim.

Na sala deserta descobriu apenas um canto não molhado para ali depositar, com cuidado, o chapéu e o capote. Suspirou, coçou a barba espinhenta, e com agilidade enrolou os punhos da camisa:

— Vai, sim. Tem que ir.

Foi à porta, livrou-se com pontapés rápidos de pedaços de madeira, e teve ímpeto de deter-se sob a chuva, junto ao cavalo, abraçá-lo e chorar, numa libertação total.

Empertigou-se para afugentar o pensamento. Os casebres de palhas engelhadas provocavam-lhe asco. Voltou-se em rodopio rápido:

— Apresse-se.

— Não devo ir, pai. Não devo ir. Não vê que não devo ir?

Ele veio ao centro da sala, acocorou-se, indicador a passear lento sobre o bigode, um fio de lágrima a correr:

— Preciso de você. Sem você não duro muito, filha.

A mão dele caminhou para o afago. Ela soltou o pano e deslizou em recuo. A tosse violenta fê-la porém parar e sentar-se lívida junto ao capote e ao chapéu.

— Eu o esperava, pai. Esperei sempre, todos estes anos, de dia e de noite. Sabia que viria. Mas consegui, pai. Não é direito. O senhor sabe que não é direito.

O braço dele se estendeu e balançou muitas vezes:

— Socar-se neste fim de mundo . . .



Marcel
77

— Eu o escolhi, pai.

— Não foi fácil encontrá-la. Revirei dez vezes a serra do Catolé, contornei muitas vezes a Lagoa Grande. Informei-me de todos os cavaleiros. Envelheci um pouco na busca.

— Procurei fugir dos anos passados e quase acreditei que não conseguiria.

Ele levantou-se de pronto, lembrando-se da antiga postura. Pigarreou e passeou para lá e para cá, mãos cruzadas às costas, corcovado e senhorial. Ela alisava a aba do seu chapéu com o dedo, simulando desenhos. A chuva, nas palhas, chiava como réptil.

Ele foi à porta dos fundos e viu que a serra mostrava-se imprecisa muito longe.

— Qual a distância, filha?

— Que distância, pai?

— Daqui ao Catolé?

— Noites e dias. Não sei.

Ele aguçou a vista, examinou bem os contornos:

— Vamos para lá. Longe dos olhos de todos.

Ela descobriu que só haveria um meio de convencê-lo. Saiu rápida porta afora e aos gritos chamou todos os moradores dos casebres. Apareceram em grupos, prontos para atendê-la.

— Ele precisa se convencer.

O de barba veneranda traduziu seu ódio na voz catarrosa:

— Podemos matá-lo.

— É meu pai.

— É um monstro, filha.

— Também fui culpada.

— Mas conseguiu se livrar do pecado. Ele não. Vamos.

Ela à frente e o grupo a acompanhá-la, porretes em punho. Encontrou-o solitário, encolhido ao canto, pensativo, a goteira, quase em bica, a encharcar-lhe a roupa.

— Veja, pai. Não vão me deixar ir. . .

O de barba veneranda ampliou suas órbitas estriadas de vermelho:

— Vá, homem. Vá e reze muito.

Olhou-a lívido, e encarou-os com ódio:

— Contaste, então. . .

— Essas coisas, pai, correm com o vento. . .

— Está bem. Adeus, filha.

Levantou-se, desceu os punhos, abotoou-os, em passadas imponentes foi ao outro extremo da sala, vestiu o capote, fechou-o com lentidão até o alto do pescoço, livrou o chapéu de ciscos com batidas de unha procurando controlar o tremor da mão, pô-lo na cabeça com vagar, firmando a elegância, e pisando firme abriu caminho:

— Boa tarde. E com licença.

Aproximou-se do animal, uma lágrima a brilhar, acariciou-o com palmadas rápidas, montou-o ágil e esporeou-o. As patas deslizaram em desequilíbrio antes do trote bem comportado.

Ao vê-lo partir, por trás das muitas cabeças, palpitou como antigamente. Recuou com lentidão e cuidado para não ser percebida, até se ver fora de casa. Então correu em fuga desesperada, o vestido molhado a grudar-lhe no corpo, e deteve-se, cansada e sufocada pela tosse, à curva do caminho.

O animal surgiu entre as canafístulas e ela segurou-se aos arreios:

— Eu vou, pai. Nunca ficaria.

A mão, não muito firme pela emoção, pegou-a num impulso e ela acomodou-se à garupa. Abraçou-o ternamente e sentiu no braço o pulsar acelerado do seu coração.

Ele olhou o rendilhado do Catolé sob a neblina e apressou o galope.

NONO CAVALEIRO

O resgate

A legião, ululante, ganhou a planície como um furacão . . .

Texto

*“Novo mundo que começa.
Nova raça. Outro destino.
Planos de melhores eras.”*

Cecília Meireles

T

alvez estivesse próximo do rio.

A neblina densa, ao longe, atraía-o, e ele mudaria o trote para o galope não fosse o lodaçal que estafava o cavalo.

Atrás do tufo de capim encontrou o camponês esqualido, amarelo-açafroa, engelhado como maracujá, a comer mandioca.

— Este o caminho para o rio?

— É.

— Qual a distância?

— Com essa lama, vai chegar de noitinha.

A neblina gelada aumentava-lhe a inquietação:

— Alguma mulher por aqui?

— Quem?

Soltou as rédeas e juntou os polegares e indicadores, simulando contorno de vulva:

— Mulher.

— A minha. Só.

Circulou os olhos buliçosos:

— Onde está?

— Catando caranguejo.

— Vá buscá-la.

— Anda sem ar, por causa da asma.

— Vá buscá-la.

Saiu a mastigar a mandioca, molambos arregaçados até os joelhos, e voltou a puxá-la pelo braço de palito, coberta de lama, olhar febril, ansiedade na respiração.

Ele desceu do cavalo, livrou-a dos trapos e possuiu-a em silêncio. Deixou-a estendida e extenuada, olhos desmesuradamente abertos para as nuvens pesadas.

Limpou o sexo com o galho de folhas, montou com vagar, descendo o chapéu para as orelhas:

— E outras? Onde encontrarei outras?

O camponês deglutiou com ruído e apontou:

— No rio, catando caranguejo e pitu.

— Obrigado.

— Vai chegar com a boca da noite.

— Chegarei antes.

O animal tropicava de estafa, vencendo a custo os atoleiros, coberto de filetes de suor, quando a lufada de vento dispersou a neblina e ele pôde ver, a poucos metros, quase num susto, a grande lâmina silenciosa do rio. Mulheres aos bandos, nuas e alquebradas, debruçadas sobre a água, como a se mirarem ao espelho.

Apeou-se, aprumou-se o mais possível, mãos em concha na boca:

— Em fila! Todas! Rápido!

A mais velha, a menos assustada, falou pelas outras:

— O senhor, quem é?

— Não me pergunte nada, mulher.

— Até agora não catamos nada. E precisamos viver.

— Viverão. Em fila. Vamos! Vamos! Oriente as outras.

Em obediência rápida, a mais velha à frente, postaram-se uma atrás da outra, até à última, ponto impreciso na distância, na curva sinuosa do rio.

— Venha você. Deite-se aí.

Antes de entregar-se, surgiu nela a dúvida:

— Não vai conseguir. Somos muitas.

-- Não se preocupe. Isto é comigo.

O dia estava para amanhecer quando a derradeira da fila, quase menina, deixou escapar o último gemido de prazer.

Ele levantou-se sem mostrar exaustão:

— Pode ir. Com as outras. Estão fecundadas.

Ela olhou-o, tímida e violada, procurando esconder uns restos de pudor:

— Por quê? A fome já é grande e vai piorar com tantos filhos de uma vez.

— Deixe que venham, menina. Hão de me agradecer.

— Nossos homens estão se matando de trabalhar, para os lados da Lagoa Grande, onde a terra é boa e o dono é um só.

— Eu sei. Por isto estou aqui. Onde o ponto mais alto?

— Para quê?

— Esperar, filha. Esperar.

Ela apontou:

— Aquela colina. De lá se vê toda a vastidão, até onde a vista alcança. Depois, bem depois, está a Lagoa Grande, com muita terra boa.

— Conheço aquilo.

Montou e apressou o galope. Vencendo o barro e a lama, subiu a suave ondulação. Do topo divisou, lá muito longe, na linha do horizonte, o contorno escuro das terras férteis. Sentou-se ao lado do animal e aguardou, sob a chuva e sob o sol, a evolução da gravidez de todas as mulheres, que escavavam o chão e a lama do rio, no desespero de saciar a fome, agora inais voraz.

Ao cabo de nove meses, todos vieram à luz a um só tempo. O camponês esquelético, amarelo-açafroa, nas ânsias da morte e a mastigar mandioca, trouxe nos braços o filho da sua mulher:

-- Este também.

— Junte-o aos outros.

Todas vieram se queixar:

— A fome vai matar todos.

— A fome vai mantê-los vivos.

Voltou a aguardar, sob o sol e sob a chuva, a acariciar o animal magro e envelhecido. Viu a morte de alguns deles, ouviu o choro de todos eles. Depois, engatinharam na lama, deram os primeiros passos, engalfinharam-se na disputa do melhor tubérculo. As mulheres encarquilharam-se, perderam o ânimo, e, vencidas, preferiram chorar.

A que fora a última da fila, a única que não envelhecera de todo, veio com o filho ainda imberbe:

— Não pode mais suportar a fome. Nem ele e nem os outros.

Ele encarou o jovem nos olhos e convenceu-se mais uma vez de que estava com a razão:

— A fome o salvará. A ele e a todos. Traga-o quando homem feito. E que todos venham com ele.

A neblina desceu, a neblina esgarçou-se. A chuva caiu, alagou tudo em pântano, moradia da saparia a cantar sem fim.

O sol reverberou, a poeira remoinhou sobre o solo esturricado. O rio emagreceu, emagreceu, e a fome abateu desesperadora.

Então todos vieram, adultos e olhares chispantes, maltrapilhos e ansiosos. À frente, o filho da que fora a última da fila:

— Nossa fome não tem mais tamanho.

— Pois muito bem.

Montou com lentidão, o animal corcovado e a dormir:

— Quantos são vocês?

— Milhares.

— Subam aqui.

Viu-se, no topo da colina, cercado pela grande legião. Apontou:

— Antes da linha do horizonte, naquela nesga escura, onde seus pais se mataram, estão as terras férteis, cercando um grande lago.

O filho da que fora a última da fila lembrou:

— Tem dono.

— Tem, filho. Milhares de donos. Vocês.



O filho da que fora a última da fila encontrou razão naqueles palavras e quis saber:

— O senhor, quem é?

— Não pergunte, filho. Vocês sabem quem eu sou. Vão!

A legião, ululante, ganhou a planície como um furacão, rumo às terras férteis.

Ele e seu animal deixaram-se envolver no turbilhão de pó.

Quando tudo serenou, a planície mostrou-se deserta, tranqüila, o rio a correr sereno, espumoso e cantante.

Em grande paz.

DÉCIMO CAVALEIRO
o décimo

Nunca vira, em toda a vida, homem tão alto e tão estranhamente vestido naquele capote que descia quase até os pés, metidos em grandes botas com esporas luzidias.

Texto

“A concentrada noite se manteve intacta — embora nós a atravessássemos com passos desesperados e doridos.”

David Mourão-Ferreira

Inflou as bochechas e *fruuu... fruuuu...* A chama crepitou com estalidos e envolveu a trempe. Sentou-se perto, esgarvatando os dentes, esperando a água borbulhar na lata.

Abanava-se com o furado chapéu de palha quando viu que o cavalo surgia na vereda e o cavaleiro apeava-se com vagar.

— Calorão, hem.

— Calorão.

Nunca vira, em toda a vida, homem tão alto e tão estranhamente vestido naquele capote que descia quase até os pés, metidos em grandes botas com esporas luzidias. Os arreios do animal rebrilhavam igualmente ao sol.

Procurou levantar-se, por respeito. O cavaleiro, a bater o rebenque na bota, fez gesto com a outra mão:

— Fique à vontade.

Tentou desobedecer.

— Falei para ficar à vontade. Ou não ouviu? Também vou me sentar. Com licença.

Arrepanhando a capa abotoada até o pescoço, apesar do calor, sentou-se na pedra, cruzou as pernas em caracol, e meteu o rebenque e os dedos longos entre os joelhos.

— Mora neste fim de mundo, meu amigo?

Atropelou palavras, conseguiu explicar:

— Tenho roça ali perto.

— Muito bem. E eu venho de longe. Venho sempre de longe e vou sempre para longe. Conhece a serra do Catolé?

— Só de distante, vendo daqui.

— Então não conhece. E a Lagoa Grande?

— Já ouvi falar. . .

— Ouviu falar. . . Pois é. Sou daquelas bandas. Eternamente. Compreende isto?

— Hem.

— Está claro que não.

Procurava compreender o que aquele cavaleiro queria dizer. E ele agora, com muita calma, desabotoava o capote e punha o chapéu e o rebenque no chão.

— Pois é, meu amigo, nas minhas andanças conheci muita gente. Muita gente. Este calor não me engana. Vai chover. Está preparando almoço?

— Café. . .

O papouco revelou que a água fervera e se evaporara toda. O fogo da trempe morria.

— Pode preparar outro.

Mostrou-se apreensivo:

— Não, não. Acho que vou indo. . .

— Sente-se!

Obedeceu tímido e trêmulo. Arrastou-se no chão, segurou o pé como se defendendo.

— Conheci muita gente. Você conhece muita gente?

— O que o senhor perguntou?

— Não conhece nada. Nem um palmo adiante do nariz. É um pobre coitado. Como se não existisse. Gente conheço eu. Duvida?

— Não, senhor.

— Olhe aqui, homem: de toda a multidão que conheci, correndo a planície, a serra do Catolé e todos os lugares que cercam a Lagoa Grande, nove ficaram na minha cabeça. Nove. Todos cavaleiros como eu.

Espalmou as mãos e aproximou-as do rosto apavorado, um polegar apenas encolhido:

— Nove. Quer ouvir a estória deles?

Os lábios balbuciaram na boca murcha em busca de uma resposta. O cavaleiro veio em seu socorro:

— Claro que quer. É rápido. Antes que chova.

O animal relinchou. O cavaleiro descruzou as pernas e enrolou-as para o outro lado com rapidez.

— Chegue mais para perto.

Procurou se aproximar, arrastando-se, olhos grandes de medo.

— Isto. Fique quieto e ouça.

Passou a mão ossuda no queixo bem barbeado:

— O primeiro, jura a todos que matou o homem porque ele quis lhe tomar o cavalo por uma noite de sono no seu casebre. O segundo, maldizia aos berros, pelas veredas e estradas do Catolé, a desgraçada que o encheu de doenças venéreas. O terceiro, um atormentado. Matou o próprio pai. Já viu uma coisa destas? Foi justicado. O quarto, esquarterjou a mulher e procurou fugir. Comido de remorso, entregou-se à justiça... Sabe o que é entregar-se à justiça?

— Não, senhor.

— É se deixar prender. E doença venérea, sabe o que é? Apontou na direção do sexo:

— Doença aqui. Bem. O quinto... Estou sendo claro?

— O quê?

— Pergunto se está entendendo, homem! Como vocês me atormentam pela vida afora. Preste atenção. Não me enerve. Não se afaste. Venha mais para perto. Assim. Bom... Como ia dizendo: o quinto falava bonito onde chegava e queria consertar o mundo. Avalie! Um idiota. O sexto, um

degenerado. Abria puteiro onde chegava. Ah, puteiro sabe o que é, vejo pelo seu movimento de cabeça. Essas porcarias vocês sabem. Bem. O sétimo, meteu-se na farda para salvar sua gente. Acabou morto e pendurado pelo pé. O oitavo, um velho miserável, apaixonado pela filha, a correr este mundo atrás dela. O nono, cheio de sonhos... Está prestando atenção?

Não sabia o que dizer, o que fazer. A aflição transformou-se em sobressalto quando o cavaleiro explodiu:

— Não é sonho de dormir, como você deve estar pensando! Como posso lhe explicar... É sonho, homem, sonho! Pois ele vivia cheio deles, explicando a todos que deveriam brotar da terra, em quantidade, e tomar conta de tudo. Multiplicar os piolhos do seu tipo. Compreendeu agora?

Levantou-se e olhou o camponês firme nos olhos.

— Ao todo nove.

Espalmou as mãos bem junto ao rosto do camponês, um polegar apenas encolhido:

— Nove!

Começou a chover.

— Não falei que chovia?

Apanhou o chapéu e o pôs na cabeça. Ficou a bater com o rebenque na bota, olhos firmes no camponês maltrapilho, ali a se encharcar no chão.

— Diga-me: passou algum deles por aqui?

— Quem?

— Um dos nove, homem.

— Não vi, não, senhor.

Inspecionou os arredores com cuidado:

— Mora sozinho por aqui, homem?

O camponês coçava as brotoejas, na aflição de fazer alguma coisa:

— Moro.

— Pois muito bem.



el gordo
97

Olhou o camponês quase com ódio, meio sorriso de ironia, e deu o primeiro passo em sua direção.

O camponês, dentes podres à mostra, barba rala, recuava arrastando-se na lama e a pergunta veio, levado pelo medo e pelo pavor:

— O senhor quem é?

Deu o segundo passo, ódio maior nos olhos agora olhinhos, as batidas do rebenque na bota a percutirem como em acústica:

— Eu sou o décimo, homem, eu sou o décimo!

Composto e impresso em 1977, no transcorrer do
cinqüentenário das atividades da
EMPRESA GRÁFICA DA REVISTA DOS TRIBUNAIS S.A.
Rua Conde de Sarzedas, 38 — Tel. 36-6958 (PBX)
01512 — São Paulo, S.P., Brasil

Do Catálogo HUCITEC

Literatura Brasileira

BABEL, Hernâni Donato

CHÃO BRUTO, Hernâni Donato

POESIA PREFERENCIAL, Rolando Roque da Silva

no prelo

PARTILHAS DOBRADAS, Mário Donato

ANTES DO HORIZONTE, Ibiapaba Martins

O CASARÃO, Caio Porfírio Carneiro

Literatura Estrangeira

no prelo

POEMAS, T. E. Eliot (tradução de Idelma Ribeiro de Faria)